

◆ Pe. Rodolfo Faria ◆

Quem espalha uma suspeita talvez prejudique a reputação de alguém, mas também se acostuma a olhar o próximo com desconfiança e a encontrar satisfação em expor suas fraquezas.

Aos poucos, a língua que deveria servir à verdade passa a ser instrumento de uma disposição interior que nos afasta da caridade. Por isso, falar mal não significa apenas causar um dano externo; é também permitir que o próprio coração se torne menos sensível ao bem, menos disposto à misericórdia e mais inclinado ao julgamento.

A pessoa que é alvo da maledicência perde algo de sua honra; quem fala, porém, também perde algo de sua própria dignidade.

Mas São Tiago não nos convida apenas a evitar o mal. Ele nos chama a uma verdadeira conversão da palavra. A mesma boca que pode ferir foi criada para louvar a Deus e fazer o bem. Nossa língua pode tornar-se instrumento de caridade quando escolhemos palavras que acolhem em vez de excluir; que corrigem com amor em vez de humilhar; que promovem a verdade em vez de espalhar suspeitas.

Talvez o primeiro passo para essa mudança seja perceber o peso que nossas palavras podem ter e examinar, com sinceridade, a maneira como temos usado nossa língua, especialmente nas situações em que somos tentados a comentar, criticar ou falar sobre alguém.

Antes de falar, talvez precisemos aprender a fazer uma pequena pausa e perguntar: É verdade? É necessário? É caridoso? Se aquilo que vamos dizer não edifica, talvez o silêncio seja a melhor escolha (cf. Ef 4,29).

E, quando precisarmos falar sobre o outro, que o façamos com respeito, na presença de Deus e buscando sempre o bem daquela pessoa.

Que o Espírito Santo nos ajude a vigiar nossas palavras e, mais ainda, a cuidar do nosso coração, para que de nossa boca brotem palavras que gerem vida, esperança e reconciliação. Que nossa língua seja, cada dia mais, instrumento de amor e não de destruição. ●



Imagem: senyopreto / Wagnitc